



a quarta palavra
antonio manoel dos santos silva

Trechos dos contos
para “degustação” dos leitores
de Vitrine Literária.

a quarta palavra
antonio manoel dos santos silva

ilustrações
salete mulin



2015

001

Copyright © 2015 by Antonio Manoel dos Santos Silva

Projeto gráfico e capa (sobre ilustração de Salete Mulin):
Luciano de Paula Almeida

Impressão e montagem artesanal:
Vitrine Literária Editora

Revisão: Paulo Rezende

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Antonio Manoel dos Santos

A quarta palavra / Antonio Manoel dos Santos Silva ;
ilustrações Salete Mulin. -- São José do Rio Preto, SP :
Vitrine Literária Editora, 2015.

1. Contos brasileiros I. Título.

ISBN 978-85-64166-41-7

15-01740

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura Brasileira 869.93

Contato:

www.vitrineliteraria.com.br
contato@vitrineliteraria.com.br
(17) 30337200 - 991429064

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do Autor.

índice

quatro novelas de paixão e morte

acometimento	23
torvelinho	37
ruídos no ateliê	51
carbúnculo: tempos desiguais	65

palinódia

o mascarado insidioso	85
a grande vaia	109
se tão contrário a si	119
encontro em toledo	135

acometimento

*Para quem almeja chegar ao topo
do Everest chegar ao topo do Everest
é quase tudo mas para quem está
à procura de uma rosa uma rosa uma
rosa o Himalaia todo é nada Branco
sobre branco tão branco rutilo
carmim: a rosa rosa rosa do nada.*

(carlos felipe moisés: noite nula)

Contam que folheava um livro de poemas. Biógrafos geralmente tendem ao texto tendencioso e à redundância, como acontece nesta frase. Ou por ócio ou porque são forçados, querem, graças a algum ímpeto misterioso ou à construção de mitos, articular os últimos instantes do biografado a gestos que os dignificaram ou lhes deram razão para a existência. Um inventou que o arquiteto segurava a régua e o esquadro sobre a prancheta antes do infarto que o fulminou; outro, que o pintor estava a levantar-se da espreguiçadeira a fim de pegar o pincel e dirigir-se à tela onde imprimiria o traço definitivo do acabamento do quadro, quando a bala perdida estourou-lhe os miolos; alguém dramatizou que o músico desfiava as novas melodias sendo surpreendido

subitamente pelo carro em alta velocidade; o ex-aluno, já velho, escreveu que o grande professor estava em meio a uma explicação brilhante sobre as indeterminações que regem a história humana, acima ou abaixo das leis da economia, quando desabou abatido pela morte. Assim, uma poetisa, sozinha na sala de seu apartamento, folheava um livro de poemas até a decisão final de acometer o infinito.

Não foi assim. Ela chegara do quarto, tendo passado pela sala de jantar. Viu sobre a mesa ampla, de mogno, uma estatueta. A estatueta, em si mesma banal, dessas que se fabricam em série para adorno, lhe pareceu uma escultura em que faltava alguma coisa: a completude de um gesto, talvez o enigma de um sorriso, a definição de uma curva, quem sabe a aura que, antigamente, consagrava as obras originais. Pegou-a como se fosse uma raridade: uma ausência se estabelecera desde sempre. Uma ausência definitiva, sem a qual a escultura fora imperfeita. Como revelar essa essência da beleza, a que emanava daquela coisa banal (que ela achava que vinha daquele adorno comum)? Seria possível num poema? Então, a poetisa se sentou à mesa. Foi um desconforto devolver aquele objeto a seu lugar. Mais desconforto foi ficar ali a contemplá-lo. Mais ainda, foi desconforto o ímpeto do poema, a palavra que plantasse na folha em branco a perfeição da falta, ou melhor, a falta como

a quarta palavra

necessidade da perfeição artística. Foi então que escreveu a frase: estou para acometer o infinito. Escreveu a frase e datou, indicando a hora e o minuto, como se quisesse fixar o instante de sua aventura criadora. Não desconfiava que, ao assinar seu nome abreviado, assinava também o seu destino, sua ausência irrecuperável.

Convém deixar claro que não sou biógrafo. Por isso devo registrar que de lá fora chegava um ruído leve. Esse barulho contínuo puxou seus olhos até à janela: chuva amena entre os edifícios, mas o suficiente para impedir a ponta de mar que gostava de contemplar em dias limpos. Nove andares abaixo de seu apartamento, a rua: estranhamente um e outro carro deslizava vagaroso como se buscasse um número, uma porta, uma vaga, alguém para surpreender. Se fosse noite – pensou – o carro podia bem estar caçando uma mulher, ela, por exemplo, que às vezes desejou, como confessara numa carta, a surpresa de um rapto, o amor desconhecido e violento, furioso e extenuante.

Da rua sobe um assovio de chamamento, que se destaca de buzinas, de sirenas de polícia ao longe, de gritos entre calçadas. Nada disso ela ouve: aflige-a um texto entregue pelo correio, cuidadosamente envolto em papel de seda dentro de um envelope remetido de Campinas, por alguém identificado com as iniciais A.C.C., Rua Culto à Ciência, 1983. A.C.C. devia conhecê-la, pois epi-

grafara o texto com a dedicatória: *à minha amiga, com saudades dos dias que passei no Rio.*

O texto que lera há poucos dias estava num recorte de jornal de Rio Branco; era um artigo assinado por um tal de Clodomiro César Aveiro, com o título “A falsificadora da poesia”. Sôfrega, correram os olhos pelas linhas do primeiro parágrafo e, logo, pelo segundo e pelo terceiro, e já devorava as cinco colunas da metade superior da folha, engoliu o artigo. Ao contrário do que costumava ler nos jornais do Rio e de São Paulo, nas revistas literárias, nos boxes dos suplementos, nos folhetos e nos tabloides, o artigo avançou por uma análise implacável que se opunha a tantos louvores a seu talento, à inauguração de um novo estilo, à escritura rebelde, à percepção de realidades insuspeitas, à inquietante incorporação de vozes rejeitadas pelos intelectuais de esquerda. Nada desses louvores se deixava descobrir, nenhuma admiração se sugeria nesse artigo de província que se concluía com três perguntas: a primeira: “Esta “poetisa” [assim com aspas] seria tão divulgada e exaltada se não fora sua beleza física?”; a segunda: “A suposta marginalidade ou rebeldia, se fosse verdadeira, avalizaria uma qualidade estética?”; a terceira, repetia a incômoda pergunta da serpente de Kipling; “Isso é bonito, mas isso é arte?”.

torvelinho

*Vivias de compor, compor, compor,
(fazer do nada o tudo que é cantar
tudo) e, faltando tela à tua cor,
inventavas lençóis para pintar.*

(marcus accioly: daguerreótipos)

a quarta palavra

Todos de casa se lembram como estava contente quando partiu para sua viagem à Europa e como estava radiante nas fotos que nos enviava de lá com as notícias que dava sobre seus recitais em Genebra e em Paris, e sobre sua exposição no Museu do Louvre. Lembro que dois anos antes de voltar, nas fotos que nos mandava começou a figurar a seu lado, repetidamente, um homem. Um dia o verso das fotos estampava uma frase “eu com meu companheiro”. Alguma coisa me dizia aqui dentro que aquilo não daria certo.

De repente, voltou. Voltou trazendo de volta os filhos que lhe sobraram. Todos ficamos contentes com o regresso dela; logo que a vi senti que sua alegria por nos ver de novo escondia uma sombra de tristeza. Como dizer isso: os lábios sorriam, mas os olhos não combinavam. Talvez fosse pela saudade da filha Clara, mas era algum motivo mais profundo; talvez porque seu companheiro não viera junto, prometendo vir depois; talvez o pressentimento das profundas águas que subiam de sua alma como um sorvedouro reverso, um redemoinho

que se continha para não explodir em vulcão para fora daquele corpo cuja energia interior, anterior à sua longa viagem, se tornara esmaecida.

Dias depois de sua volta, conversei com Nicanor sobre essas minhas impressões alarmantes. Nicanor tentou tranquilizar-me; disse-me que todas as pessoas que regres- sam à terra natal depois de muito tempo demoram um pouco para encontrar seu eixo, que muito provavelmente minha irmã estava naquele desequilíbrio próprio de uma porta fora de seus gonzo. Por outras palavras, que ela estava desencaixada: estava agora no Chile, mas pensava Europa. Esse jeito de meu irmão mais velho usar metá- foras me tirava do trilho sem que eu precisasse ter retor- nado da França. Fiquei na mesma, esperando que com o passar do tempo minha irmãzinha reconquistasse sua alegria de arpilheira e de dançarina. Entretanto o que per- cebi foi um andar sobre corda bamba; não, não escrevas isso, escreve que ora me parecia feliz, ora infeliz. Compu- nha músicas muito sentidas, e logo músicas muito cheias de louvor à vida. Ah, sim! Quase todas de amor, inclusive esta que todos cantam desejando que a juventude volte. Pois exatamente nesta música notei que ela estava perdida e, naquela de louvor à vida por força do amor, tive certeza que estava irremediavelmente perdida.

ruídos do ateliê

[...]

*mas a mim
nenhum som me importa
afora o som do teu nome que eu adoro.
E não me lançarei no abismo
e não beberei veneno,
e não poderei apertar na tempora o gatilho.
Afora
o teu olhar
nenhuma lâmina me atrai com seu brilho.*

(wladimir maiakóvski, trad. augusto de campos: em lugar de uma carta)

a quarta palavra

Os ruídos começaram: móveis se arrastam, marteladas, sussurros, um palavrão gritado por um martelo mal desferido, risos, uma gargalhada repentina, comentários ferinos sobre algumas figuras desenhadas, outros sobre a insensatez burguesa de se comprar pinturas desproporcionais, desenhos de minotauros tortos, de touros retos e eretos, de cavalos alados, ninfas devassas, uma e outra imitação transfiguradora de clássicos, barrocos e românticos, “isso não serve nem pra embrulhar carne de porco”, “também não precisa exagerar”, “exagerar? por acaso você compraria um transtorno destes?”, “este vai valer dois milhões de francos”, “de francos, não, de dólares” – vozes, cochichos, sussurros, ironias. Ruídos. Mas só posso registrar imagens, paralisando os movimentos. Nesse instante, no piso superior, as mãos nervosas entre os cabelos negros, ela deve sentir-se atormentada. Ouço

passos dela. De repente aquieta-se. Um cheiro de cigarro teima em não descer até a sala. Está ficando difícil cumprir o prometido.

Para que me servem essas almofadas, essas companhias discretas, se não para retardarem o fim? Que razão há para viver se não posso ser, sequer fingir, o sol que ele me atribuiu durante vinte anos? Posso suportar esses ruídos que vão fechando meus ouvidos à lembrança das bulhentas praças de touros, aos cortejos sagrados das procissões espanholas durante as semanas santas? Que inútil mulher me tornei que não consegui evitar aquelas últimas palavras de abandono da vida e que no instante final pediram a celebração com o vinho trazido cuidadosamente da adega! Que arrogância achar serem verdadeiras suas palavras, meu sol, minha deusa, proclamando-me acima de mim mesma! Só me resta, além das lembranças, o gesto que revele ter eu prolongado minha vida até este limite.

carbúnculo: tempos desiguais

*O mundo que venci deu-me um amor,
Um trofeu perigoso, este cavalo
Carregado de infantes couraçados.*

*O mundo que venci deu-me um amor
Alado galopando em céus irados,
Por cima de qualquer muro de credo,
Por cima de qualquer fosso de sero.*

(mário faustino: o homem e sua hora)

a quarta palavra

ras. E chorava, e chorava. Agora te escrevo pra te dizer coisas, tenho que tentar o expurgo de meu sofrimento, tenho que me lembrar dos fatos que me trouxeram a este ponto de abdicação da vida e tenho que lembrar-te deles, com a esperança feroz de que tu leias esta carta. Quero que tu te danes para o resto de tua vida, desgraçado. Te odeio e vou continuar te odiando no inferno. Mas não posso perder o controle (vejo teu riso escarninho, ah o meu irmão maligno! Ah a glória da família! Ah o festejado desde o nascimento! Ah o gênio do colégio! Ah o esperto! Ah o pistoludo! Ah o sempre precoce. Ah o demo, exclamo eu. Ah o sarcástico! Ah o tudo ruim!).

Te amo desde que me chamaram da Escola para te ver recém-nascido. Lá estavas tu pequenino, enrolado em panos, lindinho, banhado pelo sorriso de mamãe, rodeado de mulheres, a dona Maria Preta, a Conceição que me fora buscar no Grupo, lá estava você amarrado como um charuto, em cueiros. Tenho agora a impressão de que a Rosa, ao lado da mãe parteira, já te olhava com cupidez. Mas não é possível que aquela negrinha, já com onze anos, serpenteasse os olhos sobre ti, como se quisesse se enrolar em ti, como se quisesse te lamber, te chupar.

Tu não te lembras (ou te lembras?) que quando começaste a engatinhar, eu é que te banhava e te enxugava depois e depois te beijava o corpo todo, um boneco vivo e sorridente, gargalhando a cada carícia. Ah, meu

Fernando, eu te amo tanto. Eu comecei a te possuir quando você mal balbuciou as primeiras palavras, primeiras palavras que não foram pra mãe nem pro pai, mas pra mim, Ina. Depois tu me chamavas de Tina, depois Tininha, depois Ina. Quando é que tu começaste a me chamar de Cristina?

Sei que te seduzi quando tu estavas nos treze anos. Não me esqueço nunca de que era uma das tardes quentes de Rio Preto, um mês de novembro sem ninguém em casa. Só nós e tu chegaste (e já me sabias frágil, não é?) com um sorriso bonito e me dizendo “se você não fosse minha irmã eu ia brincar com você como a gente fazia quando eu era pequeno. Ia meter as mãos entre tuas pernas pra sentir a quente umidade entre os pelos.” Adiantou eu te pedir respeito? (Mas eu queria que tu continuasses me tentando a abrir as pernas.) Não adiantou e te sentaste no sofazinho em frente à mesa em que eu estudava uma lição de anatomia.

o mascarado insidioso

*Para Evandro, que me contou esta história
de outro modo.*

Ficara quase três horas sob os cuidados de Welson, o cabeleireiro mais requisitado do nobre bairro das Perdizes. Saíra do salão de beleza muito gostando de si mesma. Estava bonita, o que foi certificado com observações ouvidas durante o trajeto de volta até o apartamento: “Paulo, você notou que mulher linda?” (e depois) “Cara, veja que rosto tem essa mulher!” (e mais adiante) “Hei moça, ganhei meu dia”, “Tinha que ser casada?!” (e de um idoso: “Ah se eu tivesse vinte anos a menos!!!”). Enfim, se sentia bonita e sabia que estava bonita. Pois então ficou esperando o marido chegar do trabalho, marido a quem amava entranhadamente, ficou esperando a reação dele. Ele chegou como sempre com seu “oi, Cris!” e, antes do beijo leve, com seu “tudo bem amor”. Mas nada de falar dos cabelos! Ela bem que tentou chamar-lhe a atenção por meio de gestos e movimentos: abaixar e elevar o rosto, menear a cabeça, mexer nos cabelos e puxá-los de leve ora para a esquerda, ora para a direita, reiteradamente, com delicadeza. Mas nada! Ele sentiu os gestos, mas não viu o novo penteado. Até que, intrigado com os movimentos, o distraído perguntou-lhe: “O que há, Cris, você parece inquieta”. Só então ela fez a pergunta; “Ôh Evandro, você não notou nada de diferente em mim, no meu rosto, na minha cabeça?”. Só então ele percebeu a mudança e se

desculpou e a abraçou e, se afastando um pouco, ficou a contemplá-la como se a adorasse.

Foram essas lembranças que a fizeram sorrir, embora a inquietasse um pouco a comparação contrastante com a máscara esculpida, vindo-lhe juntamente com aquela ideia que a marcou desde a juventude enunciada pelo seu professor de filosofia quando frequentava o Liceu em Lisboa: “O Belo e seu contrário, o Feio, têm a mesma natureza: a irracionalidade”.

Fim da meia-hora. Evandro está pronto. Entra na sala. Ela se levanta e olha para o mascarado, o objeto inerte. Evandro a toma pela mão e saem. Somente ao fechar a porta, Evandro tem a breve sensação de vislumbrar algo inusitado. Talvez a sombra projetada da porta em movimento – interpretou – talvez uma ilusão ótica, talvez alguma imagem de memória recente. Se tivesse tornado a abrir a porta, teria visto aquela esfinge de madeira pintada e, se a tivesse visto, teria notado um esboço de riso naquela boca de lábios grossos.

a grande vaia

– Dizem que a menina Maristela escreveu uma carta pro papa, pra ele acabar com a seca!

– A Maristela da dona Filhinha?!

– Ela mesma.

– Mas como é que o papa vai acabar com a seca?!

– Sei lá! Ouvi dizer que é porque o papa é Deus na terra!

– Não acho que vai dar certo. Sabe por quê?

– Sei não.

– O papa vive longe demais, vive do outro lado do mundo, não sabe nada de nós, acho que nem sabe falar que nem a gente.

– Mas ouvi na rádio que ele fala italiano, fala latim, fala muitas línguas.

- Mas não é Deus pra parar com a seca.
- Se é Deus na terra, pode fazer chover.
- É Deus, nada. É como um capataz de fazenda. É só pensar um pouco. Seu Atílio, por exemplo, manda alguma coisa importante nesse fazendão dos Moura Andrade? Manda nada. Deus é o Moura Andrade do mundo, o papa é seu Atílio.
- Quem sabe o papa não tem algum poder de Deus?
- Aqui entre nós, Etelvino, acho que o papa nem vai ler a carta.
- Mas o padre Cristiano, tio da menina Maristela, diz que o papa lê todas as cartas que chegam em Roma.
- Isso é conversa de padre.
- Vamor ver, vamos ver. Ainda tenho esperanças, Rovirso.
- É! Talvez essa menina Maristela tenha sorte, e nós... com ela.

se tao contrário a si

a quarta palavra

No posto de combustível. Maria Eanes de Arruda Videira tenta descobrir o momento exato em que tudo começara. O brinde? O elogio? O sorriso aprovador? Pensando pensando, fora o discurso que fechou a abertura e que deu o ensejo para conversas sobre música brasileira e depois, assunto puxa assunto, saber que ele fizera graduação em Letras e Filosofia, além de Biologia. A conversa foi criando um círculo invisível de proteção, ninguém os interrompia. De repente se viram sós, falando da vida, ela do marido e da filha, ele da ex-

mulher e dos filhos, ela das pesquisas em medicina, ele da administração de agências de apoio ao trabalho científico. No fim retomaram o assunto da música, até que sentiram a pressão silenciosa dos funcionários do hotel. Despediram-se, mas ele resolveu acompanhá-la até à porta do apartamento, onde ficaram instantes indecisos, o constrangimento do limiar a ser transposto, ambas as mãos segurando-se durante o “boa noite”, o “amanhã a gente se vê”. Mas você vai ficar? perguntou-lhe ela. Ia voltar amanhã, lhe respondeu ele. Mas vou ficar pra assistir à sua comunicação. Ah, não fique não, que ficarei com vergonha, lhe disse ela. Prometeu ficar oculto. E assim foi, e assim aconteceu.

No dia seguinte, sua comunicação distinguiu-se das demais pela clareza de linguagem, pelos gestos comedidos e adequados, tudo modulado pela voz cristalina e veludosa (“voz de mulher gostosa”, sussurrou um pesquisador no fundo do auditório, onde, conforme o prometido, ele, o presidente do Consórcio Universitário, se instalara para não ser notado). A autoridade não se preocupou com o lado científico da exposição. Ficou centrado na figura que relatava os experimentos, que os descrevia e que argumentava, com segurança; se deixou perder-se no mover-se harmonioso daquela mulher, na beleza natural do corpo a que se ajustava a blusa branca, levemente entreaberta, que descia um pouco além da

a quarta palavra

cintura bem feita, circundada por um cinto de couro marrom claro, que prendia a calça de sarja creme, que chegava sem aperto até o tênis branco com frisos azuis. Uma dançarina contida e elegante, dona do tablado em que se movia, mesmo quando se detinha para apontar os resultados de sua pesquisa de doutorado.

encuentro em toledo

*Salve, oh ciudad metrópoli de España,
émula de los años, y perdona
a mi pie enfermo, y a mi edad cobarde,
que tarde te piso, y te admira tarde.
Salve, oh gran Capitolio un tiempo, ahora
sombra de aquella luz, pero no vana,
que en carros recibiste, triunfadora,
goda virtud, y gloria castellana,
cuando rayos de tanta luna mora,
y plumas de tanta águila romana,
con escolas harrrieron de oro y seda,
cuanto le falta ya, cuanto te queda.*

(luis de góngora: las firmezas de isabela)

Não podia ser Isabel Setúbal, mas que Isabel seria? Demorou o olhar sobre os cheques de viagem, as passagens áreas de primeira classe. Releu o bilhete sobre os hotéis, manuscrito, com letras levemente inclinadas e redondas, letras de professora de primário. Aí veio o estalo. Que Isabel, que nada! era a Mariana, a Mariana Tardigo, a professora fazendeira. A letra desenhada trazia-a do passado, não de quinze anos atrás, mas de 25 anos antes, exatos vinte e cinco anos, quando, movidos por paixão incontrolável, atravessaram o oceano para viajar juntos pela Europa, esquecidas as famílias no Brasil, gastando o que podiam e não podiam, parando finalmente em Toledo, dias e dias até se enfatiarem. Foi num 23 de abril que entraram no templo monumental e, sob a cúpula solarmente iluminada, fizeram o juramento de ali voltar daí 25 anos, acontecesse o que acontecesse. Daí vinte e cinco anos. e não quinze.

Haviam parado em Toledo porque ele pedira. Quisera verificar – disse brincando a ela – se o cronista brasileiro de 1924, tinha razão ao descrevê-la como o lugar em que não era permitida a mendicância e a blasfêmia. Riu quando leu o cartaz contrariado pela realidade, como se dera sessenta e cinco anos antes: EN ESTA CIUDAD ESTÁN PROHIBIDAS LA MENDICIDAD Y LA BLASFEMIA. Havia mendigos e se ouviam blasfêmias. Queria verificar se existia ainda “El Mesón del Sevillano donde habitó y escribió

el inmortal Cervantes”. Estava lá o casarão, transformado em Hostal, diante do qual ouviu repetidas vezes que ali morou e escreveu o imortal Cervantes.

Estavam ali as passagens, estavam ali os euros, estavam as lembranças, estava o juramento. Viajaria para Toledo. E nos dias que antecederam a viagem tentou repetir a inesquecível abertura de um ato dramático, que seu professor de literatura espanhola fez com que a classe decorasse e analisasse exaustivamente. Só conseguia chegar à metade do quarto verso, e por mais que puxasse os fios da memória não avançava além, vindolhe apenas pedaços de Tejo, ouro, prata fugitiva, Potosi, coroa imperial. A fala do personagem Emílio se perdera depois deste começo:

*Esa montaña, que precipitante
ha tantos siglos que se viene abajo,
ese monte murado, ese turbante
de labor africana.....*

Voltaria a Toledo, a cidade que caía perenemente, a que, encravada na montanha e sendo montanha construída por três ou quatro povos distintos, precipitava-se sobre o Tejo, em mergulho detido e interminável. Só poesia mesmo para compor essa contradição! Voltaria a Toledo no dia 23 de abril de 2014. O mês de aniversário dela, ela que lhe afirmara 25 anos atrás que, apesar de amar a poesia de Eliot, não podia concordar que

a quarta palavra

abril fosse o mais cruel dos meses “coisa de velho que se ofende com a beleza da primavera”.

E voltou.